

12. CONCLUSÃO.

Após todo o exaustivo exame que foi realizado nos 11 capítulos precedentes, sobretudo no capítulo anterior, dedicado às *Respostas às Objeções*, ficou patente que não há nenhuma linha de argumentação plausível capaz de reduzir o peso e a obrigatoriedade das palavras de Ellen G. White:

“Tanto no culto público como no particular é nosso dever prostrar-nos de joelhos diante de Deus quando Lhe dirigimos nossas petições.”

Se não fosse pela insistência com que pessoas indispostas a obedecer à verdade tentam desmerecer a realidade e a importância do assunto, essas breves porém esclarecedoras palavras do Espírito de Profecia já seriam suficientes para definir permanentemente a questão, em razão dos seguintes fatores:

1. A senhora White utiliza a expressão “prostrar-nos de joelhos” (inglês: to bow down upon our knees), o que não somente demonstra a importância da postura assumida em oração, como também especifica qual seja essa posição física.
2. A senhora White emprega o vocábulo “dever” (inglês: duty), revelando não se tratar de algo facultativo, ao livre arbítrio do crente, mas de uma obrigação cristã.
3. A senhora White especifica o “culto público” e o “particular”, indicando com isso que sua sentença não se restringe à oração principal (pastoral) de uma celebração religiosa, mas que se estende a toda oração feita na igreja ou em casa.
4. Por fim, para não deixar dúvida de que sua intenção era referir-se a todas as orações e não somente à oração principal, a senhora White faz uso de

linguagem clara e bem colocada, ao dizer: “quando Lhe dirigimos nossas petições” (inglês: when we offer our petitions to Him).

Demonstrou-se através deste trabalho que todas as propostas de interpretação com o intuito de permitir maior variação na posição física dos adoradores na igreja não lograram êxito, em face de sua extrema fragilidade. Segue-se abaixo um resumo dos argumentos propostos pelos adeptos da variação e das respostas aqui formuladas:

1. Há 4 textos, de autoria da própria senhora White, que comprovam ter ela orado em pé na igreja ou em sessões da Associação Geral.

Resposta: MENTIRA! Os referidos textos não explicitam a posição de E. G. White quando em oração.

2. Salomão orou em pé na dedicação do Templo.

Resposta: MENTIRA! Salomão *abençoou* o povo em pé e *orou* ajoelhado. Assim, se, ao final do culto, o pregador não fechar seus olhos nem convidar que os membros o façam, mas simplesmente pronunciar uma benção, os ouvintes não deverão se ajoelhar. Entretanto, sendo proferida uma oração, deverão todos se colocar de joelhos.

3. Jonas não se ajoelhou para orar quando estava na barriga do peixe.

Resposta: Ótimo argumento! Quando alguém estiver dentro da barriga de um peixe, também não precisará se ajoelhar!!! [Que lástima!]

4. Jesus orou em pé junto à Tumba de Lázaro.

Resposta: Esse argumento já peca por chamar a atenção para um caso ao ar livre, em meio a uma multidão, não se tratando de um culto religioso, e não estando Jesus no Templo ou numa Sinagoga. Qualquer um, em idênticas circunstâncias, também estará livre para oferecer sua prece da maneira que julgar mais apropriada. Trata-se, portanto, de um exemplo insuficiente para desfazer a força das palavras de Ellen G. White citadas acima. Por outro lado,

como se discutiu em *Respostas às Objeções*, não existe nada no relato de João 11 que exija o reconhecimento de tal ocorrência como uma oração.

5. Na parábola do fariseu e do publicano, este último também orou em pé e desceu justificado.

Resposta: Um publicano não é exemplo para ninguém. Se um mundano, que desconhece a doutrina e a prática correta na oração, entrar na igreja hoje e de coração contrito se colocar em pé para orar, também será ouvido. O problema é que, se assim o fizer, o adventista não será enquadrado no caso do publicano, mas do fariseu, pois que se lhe exige ter maior reverência para com Deus do que o pecador comum.

Em suma, o Espírito de Profecia é extremamente claro em sua abordagem. Sempre que as circunstâncias não impuserem obstáculos, deverá o indivíduo se ajoelhar diante de Deus ao Lhe dirigir uma prece.

A despeito da clareza desse raciocínio, a Igreja Adventista do Sétimo Dia ainda não possui uma posição formal sobre o assunto. Por causa disso, alguns líderes, fiando-se em seus títulos de ministros religiosos, pensam poder declarar qual seja a posição da Igreja concernente ao assunto, sem para isso depender de um documento oficial, regularmente votado por uma Assembléia da Associação Geral. Contudo, eles ignoram ou realmente fingem não saber que apenas a Conferência Geral, que consiste na reunião de delegados da Igreja de todas as partes do Campo Mundial, pode definir o entendimento oficial da denominação sobre determinada questão. Até que isso ocorra, ninguém pode falar em nome da Igreja, o que não impede que os membros individuais, com base no seu estudo particular das Escrituras e do Espírito de Profecia e sem contrariar as doutrinas já estabelecidas, defendam seu ponto de vista como vontade revelada de Deus. Este poderá falar livremente de sua concepção e os outros estarão livres para aceitá-la ou não, conforme seu discernimento. Nos dizeres de Paulo, que ele fale “e que os outros julguem” (1 Coríntios 14:29).

É importante dizer que não há nada no *Manual da Igreja* que estabeleça uma liturgia definida para todos os cultos, como também não há nada que imponha que certas orações devam ser feitas em pé. De acordo com o *Manual*, à p. 74, não há “forma ou ordem específica para o culto público”. As 2 ordens de culto propostas às pp. 88 e 89 são apenas “sugestivas”. E mesmo que fossem adotadas, não há nenhuma indicação da postura que os adoradores devem assumir nos momentos das orações. Assim, se uma congregação local optar por fazer todas as orações ajoelhada, não estará cometendo qualquer desrespeito às orientações da Conferência Geral.

É oportuno também dar aqui um esclarecimento concernente às reiteradas afirmações desta monografia quanto à obrigatoriedade da oração de joelhos para o cristão. A “obrigatoriedade” (ou outras expressões análogas) a que alude o presente trabalho precisa ser entendida à luz da vontade revelada de Deus e não do livre-arbítrio do ser humano.

É óbvio que, do ponto de vista da liberdade humana, Deus não obriga nem coage qualquer de suas criaturas. Assim, por exemplo, Ele não exige que ninguém observe a Sua Lei ou respeite Seu santo Sábado sem que esteja disposto a fazê-lo. Por outro lado, aqueles que se unem espontaneamente a Seu Criador, num Sagrado Concerto, devem estar dispostos a não seguir sua própria vontade individual, mas a dAquele que os convida para as bênçãos decorrentes da obediência. Nesse sentido, ajoelhar-se em oração não é um ato facultativo para o cristão, pois através dele o indivíduo também revela sua disposição de se curvar diante da vontade de Deus.

No Tribunal Divino, o Supremo Juiz há de avaliar cada aspecto da vida de Seus filhos e, com certeza, a submissão à Sua vontade revelada no ato exterior de se ajoelhar também será levada em conta com respeito àqueles que receberam tal luz.

Por certo que este não é o único item do Juízo, de tal forma que muitas pessoas que se prostram diante de Deus em oração mas não levam uma vida condizente em outros aspectos também não serão aprovadas. Entretanto, o fato desse item não ser exclusivo não quer dizer que não seja relevante. Não é o único critério, mas mesmo assim é um critério.

Os que verdadeiramente almejam ser louvados no Juízo precisam adotar postura semelhante à daqueles que no Céu já se encontram. E é assim que João, o Revelador, ser expressa quanto a eles:

“Todos os anjos estavam de pé rodeando o trono, os anciãos e os quatro seres viventes, e ante o trono **se prostraram** sobre o seu rosto, e adoraram a Deus, dizendo: Amém! O louvor, e a glória, e a sabedoria, e as ações de graças, e a honra, e o poder, e a força sejam ao nosso Deus, pelos séculos dos séculos. Amém!”¹

Que os verdadeiros adoradores, que são aqueles a quem o Pai busca (João 4:23), possam imitar o louvável exemplo dos seres celestes, dobrando seus joelhos em adoração Àquele que é digno de toda honra e de todo louvor, pois os que de livre vontade assim não procederem serão por fim constrangidos a fazê-lo pela força da verdade, eis que as Escrituras anunciam:

“Por Mim mesmo tenho jurado; da Minha boca saiu o que é justo, e a Minha palavra não tornará atrás. **Diante de Mim se dobrará todo joelho**, e jurará toda língua.”²

E, por fim, o próprio Satanás se curvará diante do Senhor. O mesmo ato que o autor da Rebelião exigiu de Cristo nas tentações do deserto (Mateus 4:9), ele será constrangido a realizar:

“Satanás vê que sua rebelião voluntária o inabilitou para o Céu. Adestrou suas faculdades para guerrear contra Deus; a pureza, paz e harmonia do Céu ser-lhe-iam suprema tortura. Suas acusações contra a misericórdia e justiça de Deus silenciaram agora. A culpa que se

¹ Apocalipse 7:11 e 12. Ver também Apocalipse 4:10; 5:8 e 14; 11:16; 19:4 e 10; e 22:8.

² Isaías 45:23. Ver também Romanos 14:11.

esforçou por lançar sobre Jeová repousa inteiramente sobre ele. E agora **Satanás se curva** e confessa a justiça de sua sentença.

“Quem Te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o Teu nome? Porque só Tu és santo; por isso todas as nações virão, e se prostrarão diante de Ti, porque os Teus juízos são manifestos.’ Apoc. 15:4.”³

Isso cumprirá os dizeres das Escrituras:

“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois Ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-Se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a Si mesmo Se humilhou, tornando-Se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus O exaltou sobremaneira e Lhe deu o nome que está acima de todo nome, **para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho**, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.”⁴

Mas, os VERDADEIROS servos de Cristo não esperarão até aquele momento para se curvar diante de Quem os criou e os redimiu. Hoje mesmo, estende-se o convite a todos os filhos do Altíssimo, a que dobrem seus joelhos como sinal de reconhecimento pelas bênçãos sem fim que o maravilhoso Deus do Céu lhes outorga!

Que muitos possam atender a este apelo é o desejo sincero do autor desta monografia! Amém!

³ WHITE, Ellen Gould. *O Grande Conflito*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, p. 670.

⁴ Filipenses 2:5-11.